



No tempo da ação imediata”

Por ocasião da preparação do [X Congresso da AMP](#), ocorrido no Rio em abril de 2016, do qual Marcus André Vieira foi o Diretor, Nohemi Brown o entrevistou no contexto da *Ação Dobradiça*.

Entrevista com **Marcus André Vieira**

por **Nohemi Brown**

De que forma o tema *O corpo falante*, do X Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, pode ser útil para pensarmos as questões relativas aos jovens no Brasil?

Vou precisar de uma introdução. Os corpos falam, é um fato. Os corpos são tomados pela cultura e pela linguagem e participam dessa interação viva que é o homem na cultura. A tentativa, por J. A. Miller de convocar a reflexão dos analistas sobre o *falante do corpo* se situa, porém, em um ponto quase anterior ao corpo que fala. Inverte-se a lógica. Em vez de “há um corpo, que então vem a falar” estamos mais no “há algo falante que então ganha corpo”. O corpo fala porque é tomado no discurso, mas nele já havia algo eloquente, que se movimenta e que pode ser tomado pela linguagem, que é feito de linguagem, mas que não é ainda uma fala, não é um discurso encadeado e organizado, mas que sustenta o corpo como tal. Não podemos esquecer que a única unidade do corpo para o analista é discursiva, vem do Outro, como Lacan postula em seu *Estádio do Espelho*.

Esta inversão de perspectiva pode ser enriquecedora em vários níveis, vários planos. Há um falante do corpo na infância, antes da alfabetização, por exemplo. É um “já falante” que será colhido no processo que Lacan chamava de *alfabestização*, um encadeamento no discurso que fará com que esse falante do corpo se produza como discurso falado. Acontece, como lembra Lacan apoiando-se em Jakobson, que em seu balbuciar infantil, antes da fala, uma criança mobiliza um universo sonoro de uma riqueza que não se encontra em toda sua gama em nenhuma das línguas conhecidas. Aprender a falar é deixar de lado este tanto de linguagem, falante, que não cabe no discurso comum. Por

♦ Este texto é uma versão revista e ligeiramente ampliada pelo autor da transcrição realizada por Fabio Malcher.

isso Lacan distingue a *língua*, discurso encadeado, de *lalíngua*, neologismo criado por ele para destacar o tanto que em nós resta além do discurso como *lalação*.

A infância vai se organizar no que Freud chamou de complexo de Édipo, uma entrada em um discurso coletivo sistematizado, que define uma orientação, uma posição na partilha dos sexos, o que organiza e acalma tudo na famosa fase de latência. Só que, mais tarde, haverá um chamado do Outro a que essas identificações, que estruturaram a fala do corpo e o excesso falante que a parasita, sejam solicitadas. Agora não é só uma questão de estabilizar uma identidade, um modo de ser, como na infância, mas uma de se apoiar nelas para passar ao ato, especificamente, ao ato sexual. E sabemos o quanto isso será uma revolução em termos de identidade e de encontro com o desejo nesse momento.

O que dizer desses corpos que atuam, dos jovens em sua tendência a agir, conforme disse Freud?

Entendo que sua questão busca marcar o momento dito de adolescência, esse momento em que o filhote de homem é chamado a agir como adulto, especialmente no que diz respeito ao sexo. Sabemos que haverá uma tendência à desregulação, a uma flutuação e às passagens ao ato para que possa haver reconfigurações subjetivas. Se pudermos abordar esse momento como uma perturbação do corpo que fala pelo falante do corpo, da língua do sujeito por sua *lalíngua* teremos muito a ganhar. Não podemos nos contentar em dizer que se trata de uma “invasão do real”, pois corremos o risco de usar essa expressão apenas como outro modo de falar em um excesso de hormônios, ou excesso de gozo vital de origem natural. Melhor tomar essa desregulação como um excesso de hormônios ou de gozo vital, de acordo, mas já dentro na cultura e não como uma excursão, digamos, à periferia da cultura, como se a adolescência fosse um espaço de pobreza e carência com relação às formações culturais mais construídas e bem estabelecidas.

A oposição simples “natureza” versus “cultura” é sempre pobre. Em vez de um *tsunami* real desorganizando o que a cultura organizou. Melhor pensar a adolescência como a invasão desse falante, linguagem em forma de tumulto, que é do sujeito, mas que vem perturbar o que estava já mais ou menos arrumado em termos de linguagem pessoal. Então, talvez haja todo um trabalho para se fazer sobre a adolescência com relação a esse falante do corpo, mais do que com relação à um excesso de ação fora da fala em vez da santa fala. De acordo, quando “falha a fala, fala a bala” como resume Paulo Lins, mas podemos também dizer que quando falha a fala, ecoa um tumulto, uma falação louca que não encontra seu dizer, o que muitas vezes só na bala vai ter resolução.

De novo, deixemos de lado a ideia de uma luta entre a natureza silenciosa da pulsão vencendo a opressão do coletivo ou, ao contrário, a desorganização pulsional maléfica destruindo as belas formas da civilização. Isso seria só uma reedição do “coração contra a razão” e, como psicanalistas, sabemos como a razão nunca vence. E não estamos mais em tempos de bem contra o mal. Estamos em tempos em que somos exigidos mais e mais a encontrar as configurações em que excessos nunca antes vistos ganhem lugar na

cultura. Como fazer isso? De que maneira isso se dá? Acho que esse é uma direção na qual vale a pena trabalhar.

É um tempo de corpos falantes, mais do que de corpos falados então?

Entendo sua expressão “tempos de corpos falantes” como enfatizando que cada vez menos há corpos que falam como manda um figurino universal. Então é um tempo de explosão de corpos variados segundo as mais variadas *tribos* e como cada tribo precisa de um código muito rígido para se sustentar como tal é também o tempo da explosão de protocolos, de corpos rigidamente definidos, como se vê nas academias, por exemplo. Toda questão é saber como essas tribos vão se articular e produzir uma cultura, sei lá, decente, uma cultura viva que caminhe e que se encaminhe como organismo animado e não como uma espécie de guerra tribal. É a questão política dessa espécie de tempo *galáxia* que vivemos e ela se desdobra em como não agir apenas seguindo um protocolo ou fazendo tudo ir pelos ares? Porque estamos em tempos de extremos, extremos de rigidez e extremos de ação imediata, passagem ao ato.

Como pensar os corpos falantes nessa adolescência brasileira, que passa ao ato, e que passa ao ato muitas vezes sob a forma de delitos? Talvez tenhamos, agora que as coisas estão claras, que recusamos toda oposição entre natureza e cultura, que resgatar outra oposição, aquela entre *gozo do Outro* e *gozo do Um*, tal como desenvolvida por Jacques-Alain Miller a partir de Lacan sobretudo dos *Seminários 19* e *20*. Essa oposição deve andar em paralelo com a da “língua” versus *lalíngua*. Ele propõe que se pense o falante do corpo como uma espécie de excitação que produz uma vida sem organização ou direção muito claras, uma vida meio “nua”, como queria Agambem, chamando-a de gozo do Um. Gozo “do Um” porque é um gozo que não se encadeia diretamente em um discurso, não se encadeia em uma relação, em um direcionamento para o trabalho, para o Outro. Ele poderia ser oposto ao gozo do Outro, que é mais clássico. Simplificando, o gozo do Outro enfatiza como primeiro há a família e os pais e como dentro deles nasce a criança como aquela que tem seu gozo já prescrito pelo Outro. Ocorre que isso nunca dá conta integralmente de nosso ser de gozo. Então há também o gozo do Um, da criança sem conexão com a família, gozo dito “autista” no sentido em que não se encadeia, não escoo pelo coletivo e que por isso mesmo tem como característica um *timing* de imediatez.

Todos temos um tanto no corpo, de um tanto que esse corpo quer gozar, e um tanto que esse corpo quer gozar com outro corpo. Isso não é regulado para cada um e, exatamente na adolescência, ou ainda e em lugares de desregulação da sociedade, ou de desregulação de um discurso mais clássico da sociedade, esse gozo do Um se apresenta como se estivesse solto de toda amarra, pois quando é escoado no gozo do Outro funciona menos evidentemente em uma espécie de tensão violenta. Poderíamos imaginar que o surgimento do gozo do Um na vida do tráfico, por exemplo, seria um fenômeno tipicamente de nossas terras. Miller tem tentado imaginar essa oposição com relação aos fenômenos de fundamentalismo, especialmente no mundo islâmico.

E o que dizer, como psicanalistas, nesse tempo de corpos falantes, sobre a redução da maioria penal?

Poderíamos tentar aplicar essas ideias à nossa realidade e nos perguntarmos se não é insuficiente aquela explicação, já quase clássica, de que os meninos do tráfico são tomados pelo crime porque o tráfico vai oferecer meios de viver e símbolos de status que eles não obteriam em outro lugar. Não é mentira, mas roda curto, porque vemos o quanto há uma espécie de exigência de ação que não envolve apenas lucro, não é exatamente um cálculo de ganhos e perdas.

A psicanálise trabalha com isso desde quase o começo, quando Freud fala em uma pulsão de ação e de desintegração dos laços imediatos, sem tanto passar por um laço para poder agir e que chamou “pulsão de morte”. Lacan a abordou como gozo. A distinção freudiana entre pulsão de vida pode recobrir, de certa forma, o gozo do Um e gozo do Outro. O gozo do Um é uma satisfação languageira, mas de uma *lalíngua* corporal que não passa necessariamente por toda uma construção social alteritária já montada.

Talvez o crime ofereça algo assim, talvez esse gozo do Um esteja, ali, presente. O gozo do Um não é superior ao gozo do Outro, ele só aparenta ser mais direto, mas isso pode fazer toda a diferença para o jovem que está transitando entre o mundo e o fora do mundo. O gozo do Outro não é superior, mas se encadeia mais com o social, não força o laço em direção à sua desintegração como o gozo do Um. Toda questão é que a sociedade talvez não tenha oferecido as mediações para que o gozo do Um passe por outros lugares que não os do crime.

Como nós fazemos para que essa mediação se ofereça. Também já é clássico que se algo funciona é a mediação pela arte e pela religião. As ONGs que trabalham com arte sabem o quanto isso tira os meninos do tráfico, assim como os religiosos. São lugares em que se oferece gozo do Um, uma vida não muito construída, no laço com o Um transcendente em um caso e em um fazer valorizado socialmente, no caso da arte. Devemos ir por aí? É o caso de nos perguntarmos como a mediação pela fala, tal como oferece uma análise, vale aqui. Aposto que sim, afinal a fala analisante é uma fala que põe em articulação o imediato do tempo da *lalíngua* do inconsciente com o mediado da fala consciente. De todo modo, é um amplo campo para que possamos explorar o que é essa ação, muitas vezes violenta, dos menores, ou dos adolescentes tão vinculada à nossa população negra adolescente, que está sendo encarcerada quando não dizimada exatamente por isso.

Por último, cabe-nos perguntar, se do outro lado, se as pessoas que estão exigindo a prisão, a exclusão e a violência sobre esses menores, se esses outros também não estão participando de alguma coisa que também é imediata, também é pulsão de morte, também é gozo do Um ao se estruturar como “Inimigo? Que morra!”, bem distante da figura do pai severo que essas autoridades querem nos vender. Parecem dizer: “Nós seremos aqueles que colocaremos as coisas no lugar, fazendo todos esses que estão no gozo do Um serem destruídos para ficarmos só nós, do gozo do Outro”. Me pergunto se eles não são também figuras dessa exigência de violência de nossos tempos contra qualquer coisa que não seja sua igualdade, seu próprio, o mesmo, seu Um.